PORTUGUÊS

FRENTE: PORTUGUÊS II

PROFESSOR(A): SOUSA NUNES

EAD – ITA/IME

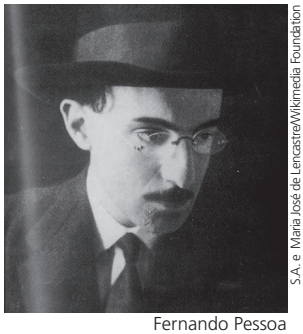
AULA 19

ASSUNTO: MODERNISMO IV – FERNANDO PESSOA: O GÊNIO DE MIL FACES

Resumo Teórico

Fernando Pessoa: o poeta múltiplo

Ao estudar a obra poética de Fernando Pessoa, é preciso distinguir os poemas que assinou com o seu nome verdadeiro, considerados poesia **ortônima**, e os outros, atribuídos a diferentes heterônimos.



S.A. e Maria José de Lencastre/Wikimedia Foundation

Fernando Pessoa

Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1888-1935) nasceu em Lisboa, mas foi educado na África do Sul, onde teve acesso a um universo cultural mais vasto do que o português. Retornou a Lisboa aos 17 anos, para cursar Letras, mas logo abandonou a universidade. Autodidata, dedicou-se a estudos de natureza filosófica, mística e a leitura da poesia moderna. Obteve o segundo lugar em um Concurso do Secretariado de Propaganda Nacional com *Mensagem*. Visto pelos amigos como um gênio, Pessoa só alcançou o reconhecimento da crítica após a morte.

Heteronímia Pessoana

Fernando Pessoa foi vários poetas ao mesmo tempo, tendo criado uma obra fascinante e, ao mesmo tempo, exótica, singular.

Tendo sido "plural", como se definiu, criou personalidades próprias para os vários poetas que conviveram nele. Assim, cada qual tem uma biografia e um traço diferente de personalidade.

Heterônimo *versus* pseudônimo

Os diversos nomes que assinam a poética de Fernando Pessoa não são pseudônimos. São heterônimos, isto é, individualidades diferentes, cada qual com um mundo próprio e com atuações características. Como se fossem personagens do seu criador, cada qual com uma ótica diferente daquilo que os angustiava ou encantava.

Alberto Caeiro

Alberto Caeiro da Silva nasceu em Lisboa, em 16 de abril de 1889. Órfão de pai e mãe, só teve instrução primária e viveu quase toda a vida no campo, sob a proteção de uma tia.

Cristiano Sardinha/Wikimedia Foundation

Simplificação do retrato imaginado de Alberto Caeiro.

Poeta sensacionista

Poeta de contato direto com a natureza, poeta bucólico, Caeiro dá importância às sensações, registrando-as sem a medição do pensamento.

O GUARDADOR DE REBANHOS
IX

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1984.

Para Caeiro, "tudo é como é", tudo "é assim porque assim é", o poeta reduz tudo à objetividade, sem nenhuma necessidade de pensar.

Alberto Caeiro morreu tuberculoso, em 1915.

Álvaro de Campos

Álvaro de Campos nasceu no extremo sul de Portugal, em Tavira, em 15 de outubro de 1890. Estudou Engenharia Naval, na Escócia. Todavia, não exerceu a profissão por não poder suportar viver confinado em escritórios.

Cristiano Ronaldo/Wikimedia Foundation

Simplificação do retrato imaginado de Álvaro de Campos.

Poeta futurista

É de 1915 a criação de um dos mais importantes heterônimos de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos. Homem sujeito à máquina, à cegueira de seus semelhantes, de espírito inconformado com o tempo, é completamente inadaptado ao mundo que o rodeia; vive marginalizado, sendo uma personalidade do **não**.

Ricardo Reis

Ricardo Reis é natural do Porto; nasceu em 19 de setembro de 1887. Teve formação em escola de jesuítas e estudou Medicina. Monarquista, autoexilou-se no Brasil, por não concordar com a Proclamação da República Portuguesa.

Cristiano Sardinha/Wikimedia Foundation

Simplificação do retrato imaginado de Ricardo Reis.

Poeta clássico

Foi profundo admirador da cultura clássica, tendo estudado latim, grego e mitologia. O poeta latino Horácio foi um grande inspirador de sua poesia, principalmente no que diz respeito à filosofia do *carpe diem*, isto é, usufruir do momento.

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente, fitemos seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nada regressa,
Vai para um mar muito longe, para o pé do Fado,
Mais longe que os deuses.

(...)
Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.
(...)

Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

Fernando Pessoa, ele mesmo (ortônimo)

Poeta lírico e nacionalista, Fernando Pessoa, ele mesmo, cultivou uma poesia voltada aos temas tradicionais de Portugal e ao seu lirismo saudosista, que expressa reflexões sobre seu "eu profundo", suas inquietações, sua solidão, seu tédio.

Wikimedia Foundation

Estátua de Fernando Pessoa da autoria de Lagoa Henriques, no Café a Brasileira, no Chiado, Lisboa.

Poeta da mágoa

Em *Cancioneiro*, identifica-se com a produção lírica portuguesa, desde a Idade Média, revelando-se um poeta da mágoa:

Boiam leves, desatentos,
Meus pensamentos de mágoa,
Como, no sono dos ventos,
As algas, cabelos lentos
Do corpo morto das águas.
(...)
Sono de ser, sem remédio,
Vestígio do que não foi,
Leve mágoa, breve tédio,
Não sei se para, se flui;
Não sei se existe ou se dói.
(...)

Poeta nacionalista místico

Em *Mensagem*, de 1934, o poeta faz uma réplica de *Os Lusíadas* a partir de uma perspectiva nacionalista mística. Atuando como um verdadeiro sebastianista, prega a volta de el-rei D. Sebastião – morto na África em 1578 – para restaurar Portugal e o Quinto Império.

MAR PORTUGUEZ

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar

Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa. Op. cit. pág. 82.

Comentário:

O poema tem um tom filosófico, épico, elegendo como interlocutor o mar: espaço infinito, de expansão e de aventuras. Faz um balanço histórico com ele, reconhecendo a dor e, também, a necessidade de ultrapassá-la, quando o que importa é o ideal. Ao Ideal expansionista do século XVI, com suas conquistas materiais e suas glórias terrenas, Pessoa opõe outro ideal: um "Mar Portuguez" mítico, metafísico, espiritual: conquistá-lo significa optar pela aventura e pelo sonho, engrandecer a pátria e a humanidade com a força da grande poesia, portuguesa e ao mesmo tempo universal.

Em versos alternadamente de dez e oito sílabas poéticas, com rimas emparelhadas, as duas estrofes de seis versos que constituem o poema exibem alguns dos elementos essenciais da releitura de *Os Lusíadas* presente em *Mensagem*. Como nos outros poemas desta obra, o autor recorre a arcaísmos gráficos, como forma de remissão a um passado longínquo.

Exercícios

- (Uerj/2007) Texto para as questões **01** e **02**.

EROS E PSIQUE[1]
(...)

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um infante, que viria
De além do muro da estrada.
Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por que à Princesa vem.
A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,

15 Verde, uma grinalda de hera.
Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
20 Ela para ele é ninguém.
Mas cada um cumpre o Destino –
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
25 Que faz existir a estrada.
E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
30 Chega onde em sono ela mora.
E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
35 A Princesa que dormia.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

[1]Segundo o mito grego, Eros e Psique viviam apaixonados em um palácio encantado, mas, para que fossem felizes, Eros impunha a Psique uma única condição: que ela nunca tentasse conhecê-lo. Por isso, sempre se encontravam à noite. Pensando ter casado com um monstro, enquanto Eros dormia, Psique acendeu uma lamparina com a intenção de iluminá-lo e encantou-se com a beleza sem par do companheiro. Ao se inclinar, contudo, deixou uma gota de óleo quente da lamparina queimar o amado. Acordado pela dor, Eros percebeu-se traído e, com tristeza, despediu-se de Psique para não mais retornar.

01. (Uerj/2007) O poema de Fernando Pessoa se relaciona com um mito grego que aproxima a alma – psique – do amor – eros –, simbolizados, respectivamente, pelos personagens Princesa e Infante. Esses dois personagens se tornam representativos da seguinte ideia:
A) Vivenciando o amor, enfrentamos o desespero.
B) Buscando o outro, descobrimos a nós mesmos.
C) Procurando o sonho, perdemos nossa identidade.
D) Perseguindo a solidão, encontramos o autoconhecimento.

02. (Uerj/2007) Além da referência intertextual a um mito grego, esse poema dialoga ainda com outro texto. Os únicos versos que não indicam, claramente, essa intertextualidade estão apontados em:
A) "Conta a lenda que dormia / Uma Princesa encantada" (versos 1 e 2)
B) "A Princesa Adormecida, / Se espera, dormindo espera." (versos 11 e 12)
C) "Longe o Infante, esforçado, / Sem saber que intuito tem," (versos 16 e 17)
D) "E, vencendo estrada e muro, / Chega onde em sono ela mora." (versos 29 e 30)

- Texto para a questão **03**.

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque sabia o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...
Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...

03. (PUC/2008) Indique a alternativa que estabelece conexão entre o poeta e o texto.
A) Médico e estudioso da cultura clássica, desenvolve em seus poemas temas mitológicos, em composições denominadas odes.
B) Poeta bucólico, vive em contato direto com a natureza; daí sua lógica ser a mesma da ordem natural.
C) Como engenheiro do século XX e poeta futurista, os temas de sua obra estão voltados para as fábricas, a energia elétrica, as máquinas e a velocidade.
D) Apresenta um conceito direto das coisas, um objetivismo absoluto, apesar de a sensação não se manifestar em seus poemas.
E) Cultor do paganismo, foi mestre apenas de Fernando Pessoa e manteve-se distanciado dos demais heterônimos.

04. (Unip-SP)
Eia! eia! eia!
Eia eletricidade, nervos doentes da
[Matéria!
Eia telegrafia-sem-fios, simpatia
[metálica do Inconsciente!
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel,
[Suez!
Eia todo o passado dentro do presente!
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!
Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica
[cosmopolita!
Eia! eia! eia!, eia-hô-ô-ô!
Nem sei que existo para dentro. Giro,
[rodeio, engenho-me.
Engatam-se em todos os comboios.
Içam-me em todos os cais.
Giro dentro das hélices de todos os
[navios.
Eia! eia-hô-eia!
Eia! sou o calor mecânico e a
[eletricidade!

Este fragmento da "Ode triunfal" permite identificar, na obra de Fernando Pessoa,
A) a modernidade radical de Ricardo Reis.
B) a adesão de Fernando Pessoa, "ele-mesmo" o ortônimo, às vanguardas modernistas do começo do século.
C) o sensacionismo de Alberto Caeiro.
D) o nacionalismo exaltado do livro *Mensagem*, único que Fernando Pessoa publicou em vida.
E) o futurismo de Álvaro de Campos.

05. (UFRS) Leia o poema abaixo, de Ricardo Reis.

Quão breve tempo é a mais longa vida
E a juventude nela! Ah! Cloe, Cloe,
Se não amo, nem bebo,
Nem sem querer não penso,
5 Pesa-me a lei iniplorável, dói-me
A hora invita, o tempo que não cessa,
E aos ouvidos me sobe
Dos juncos os ruído
Na oculta margem onde os lírios frios
10 Da ínfera leiva crescem, e a corrente
Não sabe onde é o dia
Sussurro gemebundo.

Assinale a alternativa correta sobre este poema.
A) Trata-se de um soneto que desenvolve uma temática amorosa e espiritualista.
B) O poema, de características clássicas, traz a preocupação obsessiva do poeta, a transitoriedade.
C) O poema diviniza a musa, Cloe, tornando-a um ideal distante no tempo.
D) Nos versos 2 e 4, o sujeito lírico lamenta a juventude perdida, apesar do esforço por mantê-la, não amando e não bebendo.
E) No verso 9, a expressão "oculta margem" refere-se a uma vida de prazeres ocultos.

06. (Unifesp) ..... salva-se desse caos por via do racionalismo excitado ao máximo, ato compensatório para a mesma sensação de "estrangeiro aqui como em toda a parte". E é esse racionalismo, atenuador da sensibilidade em abandono e doentiamente enovelada, que o leva a tentar a busca do suporte que Sá-Carneiro não encontrava. Partindo do "Nada que é Tudo", ... procura reconstruir o mundo em busca do Absoluto que existiria através ou acima do relativo. A reconstrução implicava em multiplicar-se em quantas criaturas habitam e habitaram a Terra, ou, antes, era preciso ser tudo e todos para destruir o que em cada um é inalienável relativismo biológico, mental etc.

Massaud Moisés, Presença da Literatura Portuguesa – Modernismo.

Mantida a sequência, a alternativa que indica o preenchimento correto das lacunas supridas pelo pontilhado é:
A) Antero de Quental – Almada Negreiros
B) Almada Negreiros – Almada Negreiros
C) Fernando Pessoa – Fernando Pessoa
D) Almada Negreiros – Fernando Pessoa
E) Miguel Torga – José Régio

07. (Unifesp) Leia o poema de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa.

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
De rosas –
Rosas que se apagam
Em fronte a apagar-se
Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
E basta.

As múltiplas faces de Fernando Pessoa, 1995.

O tema tratado no poema é a
A) necessidade de se buscar a verdadeira razão para uma vida plena.
B) fugacidade do tempo, remetendo à ideia de brevidade da vida.
C) busca pela simplicidade da vida, representada pela natureza.
D) brevidade com que o verdadeiro amor perpassa a vida das pessoas.
E) rapidez com que as relações verdadeiras começam e terminam.

08. (Mackenzie-SP)

o poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente
(...)

A estrofe em questão é a primeira do poema "Autopsicografia", cujo autor é
A) Fernando Pessoa (ele-mesmo).
B) Alberto Caeiro.
C) Ricardo Reis.
D) Álvaro de Campos.
E) Camões.

09. (Vunesp) O texto a seguir pode ser tomado como exemplo ilustrativo do estilo de um dos heterônimos de Fernando Pessoa:

"Negue-me tudo a sorte, menos vê-la,
Que eu, stoico sem dureza,
Na sentença gravada do Destino
Quero gozar as letras".

O heterônimo em questão é
A) Alberto Caeiro.
B) Ricardo Reis.
C) Bernardo Soares.
D) Álvaro de Campos.
E) Antônio Mora.

10. Assinale a alternativa correta a respeito das três afirmações abaixo.
I. Os heterônimos de Fernando Pessoa nascem de um múltiplo desdobramento de sua personalidade;
II. Alberto Caeiro é o poeta que se volta para o campo, procurando viver em simplicidade;
III. Ricardo Reis é um poeta moderno, que do desespero extrai a própria razão de ser.
A) Apenas a I e a II estão corretas.
B) Todas estão corretas.
C) Apenas a I e a III estão corretas.
D) Nenhuma está correta.
E) Apenas a II e a III estão corretas.

• (Unesp) Texto para as questões de **11** a **12**.

AH, UM SONETO...

Meu coração é um almirante louco
que abandonou a profissão do mar
e que a vai relembrando pouco a pouco
em casa a passear, a passear...
No movimento (eu mesmo me desloco
nesta cadeira, só de o imaginar)
o mar abandonado fica em foco
nos músculos cansados de parar.
Há saudades nas pernas e nos braços.
Há saudades no cérebro por fora.
Há grandes raivas feitas de cansaços.

Mas – esta é boa! – era do coração
Que eu falava... e onde diabo estou eu agora
Com almirante em vez de sensação?...

Álvaro de Campos.

11. As frases "eu mesmo me desloco nesta cadeira, só de imaginar" e " esta é boa!" representam
A) comentários extemporâneos (fora do tempo) e inadequados sobre o soneto.
B) uma recordação do tempo em que o autor foi almirante.
C) uma impropriedade estilística.
D) a interferência do eu poético no próprio texto.
E) uma prova da loucura do poeta que se imagina navegando.

12. (Unesp) O desenvolvimento figurativo do texto tem seu ponto de partida em uma
A) interrogação.
B) metonímia.
C) oposição.
D) reiteração.
E) metáfora.

13. (Unesp) Sobre o texto, é correto afirmar que
A) o poeta tentou escrever um soneto, mas a sua imaginação o desviou do objetivo.
B) não pode ser considerado um soneto, porque não segue as normas da poética clássica.
C) é um soneto que ironiza seu próprio processo de composição.
D) é um soneto composto em versos livres, mas distribuídos em estrofes regulares.
E) é um soneto composto em versos alexandrinos, obedecendo ao esquema rímico ABAB/ABAB/CDC/EDE.

14. (Fuvest-SP) Os versos de Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa): "Nunca conheci quem tivesse levado porrada / todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo" confirmam, ironicamente,
A) o sentimento de rejeição sofrido pelo indivíduo ante a felicidade contagiante da sociedade.
B) a imaginação fértil da maioria das pessoas em relação ao sucesso e felicidade alheios.
C) a comemoração, por toda a sociedade, do próprio êxito financeiro e amoroso.
D) a exaltação do triunfo das pessoas ante as adversidades da vida.
E) a ocultação, por parte do ser humano, de suas angústias, aflições ou fraquezas.

- (Insper) Para responder à questão **15**, considere a tirinha e o poema abaixo.

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.
Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.
Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é,
Sentir, sinta quem lê!

Disponível em: <http://www.custodio.net/tiras/index.html>.

Disponível em: <http://www.custodio.net/tiras/index.html>.

15. (Insper) Coloque (**V**) verdadeiro ou (**F**) falso para as afirmações que seguem.
( ) A tira explora a intertextualidade de modo jocoso, uma vez que transporta o(s) poeta(s) para um contexto prosaico atual, não relacionado aos temas da poesia de Fernando Pessoa.
( ) Os versos de Fernando Pessoa fazem alusão a um jogo de máscaras que também pode ser identificado na tirinha de Custódio.
( ) Nos versos, é possível identificar os traços que marcaram um dos heterônimos de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, o poeta da "dor do sentir".
( ) Tanto na tira quanto no poema nota-se a presença da metalinguagem como recurso estilístico.

A sequência correta é:
A) V – V – F – V
B) F – V – F – V
C) F – F – V – V
D) V – V – F – F
E) F – V – F – F

Gabarito

01	02	03	04	05
B	C	B	E	B
06	**07**	**08**	**09**	**10**
C	B	A	B	A
11	**12**	**13**	**14**	**15**
D	E	C	E	D

Anotações

SUPERVISOR/DIRETOR: MARCELO PENA – AUTOR: SOUSA NUNES
DIG.: ESTEFANIA – REV.: HERBÊNIA